

A LITERATURA DE CORDEL NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA E CIDADES CIRCUNVIZINHAS: AMPLIANDO A IDENTIFICAÇÃO DOS AUTORES E EVIDENCIANDO A CULTURA POPULAR NO SERTÃO PARAIBANO¹

Jordânia Dantas Freire ²

Vaneide Lima Silva ³

INTRODUÇÃO

A história da Literatura de Cordel no Brasil revela que os folhetos de cordel no início do século XX eram produzidos em tipografias de jornal, os quais passaram, em seguida, a ser impressos em tipografias dos poetas. Nesse contexto de Literatura Popular, a Literatura de Cordel se disseminou em todo o país, mas foi no Nordeste que a sua proliferação se deu de maneira mais recorrente. É na Paraíba, inclusive, que surge um dos mais contundentes nomes dessa literatura: Leandro Gomes de Barros, autor que publicava, vendia seus versos e garantia o sustento da família com essa atividade. Além desse nome, Pinheiro e Marinho (2001) afirmam que Francisco das Chagas Batista, por sua vez, era conhecido por suas viagens pelas cidades do interior da Paraíba e de outros Estados do Nordeste, também por sua “Livraria Popular Editora”, atividades que rendia ao autor a venda folhetos e miudezas.

Historicamente, por volta dos anos 30 do século XX, houve uma disseminação muito grande de tipografias e, conseqüentemente, uma vasta produção de Folhetos de Cordel de autores que são lidos até hoje; são os chamados clássicos da Literatura de Cordel, distribuídos nos variados gêneros em que os cordéis se classificam: pelejas, folhetos de circunstâncias, ABCs e romances.

Apesar desse tipo de Literatura ser pouco explorada no contexto da sala de aula, é grande o número de pesquisadores que defendem a sua abordagem com alunos dos níveis fundamental

¹ O presente trabalho, resultante do projeto submetido ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba, foi realizado com apoio do (CNPq), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

² Mestranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: jordania.dantas@estudante.ufcg.edu.br;

³ Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: vaneidel.professora@gmail.com.

e médio, perspectiva com a qual muito nos identificamos. Para isso, vale destacar, se faz necessário conhecer os autores, suas obras (pelo menos as mais representativas) e pensar em formas lúdicas de abordagem dos textos em sala de aula. Ressaltamos que, mesmo conhecendo os clássicos, é preciso identificar os autores que fazem esse tipo de literatura sobretudo no estado da Paraíba.

Partindo desse pressuposto, submetemos uma proposta de projeto de pesquisa que objetivou identificar os possíveis autores de Literatura de Cordel no município de Catolé do Rocha e cidades circunvizinhas, conhecer suas obras e, posteriormente, divulgar os seus cordéis. A pesquisa se justificou pela própria condição de invisibilidade em que se encontram esses autores, nas cidades onde se encontram localizados, uma vez que não existe nenhuma ação, por parte das Secretarias de Cultura dos municípios, direcionada à valorização da Cultura Popular.

O trabalho inicial se deu na cidade de Catolé do Rocha, na primeira etapa, e, posteriormente, num segundo momento, estendemos a ação identificadora para as cidades Belém do Brejo do Cruz, Bom Sucesso, Brejo dos Santos e São Bento, localizadas, respectivamente, no sertão da Paraíba. Em síntese, descreveremos, ao longo deste trabalho, como aconteceram as entrevistas com os produtores de Literatura de Cordel identificados e quais foram os resultados obtidos neste segundo ano de pesquisa.

Para a realização deste trabalho, partimos de três objetivos centrais, que consistiram em travar contato com o universo da cultura popular nas cidades circunvizinhas a Catolé do Rocha; contribuir para os estudos voltados para a Literatura de Cordel, mais especificamente com aqueles que se preocupam com a abordagem da Literatura em sala de aula; e, por fim, conhecer, valorizar e divulgar a Literatura de Cordel enquanto uma manifestação artística e cultural rica.

Do ponto de vista metodológico, podemos dizer que se trata de um estudo de crítica literária, que recorre, inicialmente, à pesquisa bibliográfica, que busca a contribuição teórica, principalmente, de autores como Luyten (1992), Ayala (2011), Marinho e Pinheiro (2012), dentre outros. Depois de fundamentar teoricamente, recorreremos à pesquisa de campo, e, para isso, foi organizado um guia (roteiro) semiestruturado, contendo três categorias preestabelecidas, as quais serão descritas, com mais profundidade, em momento posterior.

Em resumo, as entrevistas realizadas com os produtores de poesia popular, localizados nas cidades de Belém do Brejo do Cruz/PB, Brejo dos Santos/PB, Bom Sucesso/PB e São Bento/PB, evidenciaram a existência de pequenas iniciativas particulares dos próprios poetas, que, na ausência de apoio financeiro, publicam seus versos de maneira independente e não atingem o retorno financeiro de que precisam para continuarem publicando os folhetos autorais.

Além disso, também identificamos pequenas iniciativas de professores que incentivam a produção de cordéis, mas a introdução do gênero ainda acontece de maneira pragmática, com ênfase nos aspectos historiográficos da Literatura de Cordel, sem oportunizar os alunos a terem uma ampla experiência de leitura com os folhetos.

Portanto, esta pesquisa nos possibilita chamar atenção para o caráter indispensável de iniciativas que promovam a visibilidade de autores que se dedicam à Literatura Popular, a fim de expandir suas produções e valorizar aqueles se encontram invisibilizados (dentro da academia e na própria sociedade), à espera de alguma oportunidade para mostrarem o trabalho de que são produtores.

METODOLOGIA

Descreveremos, em linhas gerais, as principais ações realizadas, durante o período de desenvolvimento do projeto, para que os objetivos de pesquisa fossem alcançados. Conforme foi mencionado anteriormente, a pesquisa adota, inicialmente, um caráter bibliográfico, a qual se desenvolveu a partir de material já elaborado sobre o assunto, “constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 11). Além disso, recorreu a elementos de pesquisa de natureza quali-quantitativa, enquadrando-se também em uma pesquisa de campo⁴, que, segundo Gil (2008, p. 10), “procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar explicações e interpretações” do assunto pesquisado.

Para a organização das entrevistas, o roteiro semiestruturado conteve algumas categorias preestabelecidas, das quais serão apresentadas duas: 1^a- Conhecimento da Literatura; 2^a- Desenvolvimento Cultural: O Cordel e a Musicalidade. Em seguida, para análise e interpretação do conteúdo proposto, foi elaborada uma análise de conteúdo, pois, segundo Moraes (1999), trata-se de uma metodologia utilizada para auxiliar na reinterpretação dos textos, permitindo uma compreensão de significados diversificada, superando o que é possível apreender através de uma leitura comum.

Num primeiro momento, foram realizadas duas (2) entrevistas, previamente definidas, com os autores de Literatura de Cordel identificados na primeira fase do projeto, Alyce Raiane e Davi Paixão, pertencentes aos municípios de Belém do Brejo do Cruz/PB e Brejo dos

⁴ Por se tratar de uma pesquisa de campo, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Santos/PB. Em um segundo momento, mais dois autores foram identificados, Carlos Fernandes e Ruan Carlos, residentes nas cidades de São Bento/PB e Bom Sucesso/PB, respectivamente.

Tendo em vista a necessidade de os autores tomarem ciência da colaboração concedida à pesquisa, os entrevistados foram previamente informados sobre os objetivos do projeto e uso do gravador para captação das falas, assinando, em seguida, um termo de consentimento para a divulgação do material coletado.⁵

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos do princípio de que o texto poético possui peculiaridades, e, como manifestação literária, possibilita aos leitores criarem e recriarem mundos. Nesse sentido, por que não dizer que a descoberta de novos significados das palavras provoca a criatividade, a emoção, o despertar de um sentimento adormecido, que muitas vezes é acionado pela própria musicalidade inerente à poesia. Sobre isso, Paes (1996, p. 11) relembra que a poesia está contida em muitas coisas, e a partir da própria elaboração sensível da linguagem, nos provoca “[...] surpresa diante dos mistérios do mundo, o mundo fora e o mundo dentro da gente; a linguagem em que eram formuladas as grandes perguntas fundamentais acerca do sentido da vida e da morte”, cujo deslumbramento ocorre pela capacidade da poesia de chamar a atenção para aspectos da realidade que não nos damos conta no cotidiano.

Em se tratando do contexto escolar, Pinheiro (2018) relembra que a poesia ainda é um gênero pouco explorado no fazer pedagógico dos professores, levantando dados que permitem constatar que na ordem de interesse de leitores, esse gênero fica sempre à margem, somando-se o fato de que os professores dão prioridade ao texto em prosa. No que diz respeito a poesia popular, ainda há o estigma de que se trata de uma manifestação poética menor, sem valor literário, subalternizando-a em detrimento de poemas já canonizados e exaltados pela elaboração floreada da linguagem.

Cabe destacar que a Literatura de Cordel, enquanto poesia popular, é essencialmente musical. A preferência dos poetas por versos populares, a estruturação dos cordéis em estrofes e versos, nos relembra que, historicamente, as rimas eram utilizadas como recurso da memória, principalmente quando as sociedades eram iletradas, explicando “[...] a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética” (LUYTEN, 1992, p. 7).

⁵ Todos os autores entrevistados assinaram um termo autorizando o uso de um equipamento por parte da pesquisadora para captação de áudio e imagens, havendo autorização do uso do material para fins de análise e divulgação do trabalho artístico.

Ainda em relação à Literatura de Cordel, vale destacar que esta tende a agradar a público infantil e juvenil, pois o gênero poético remete à um dos primeiros estilos literários com o qual a criança tem contato, já que a música das cantigas de roda, parlendas, trava-línguas e canções de ninar costuma povoar o universo da infância.

Nesse sentido, podemos dizer que a Literatura de Cordel se aproxima, demasiadamente, da Literatura para crianças e jovens e, neste aspecto, essa aproximação favorece significativamente a abordagem dessa literatura em sala de aula. Marinho e Pinheiro (2012) acreditam que a escola pode ser um ambiente de estímulo a leitores de cordéis em formação, e que é dever da escola proporcionar aos alunos diferentes experiências com a leitura de textos literários. Por isso, a importância de se conhecer os autores que representam esse tipo de literatura e as obras produzidas por eles, pois, de acordo com Ayala (2011, p. 103), “[...] a cultura popular é feita e desenvolvida por gente e deve-se manifestar interesse por essa gente [...]”. A autora chama a atenção para a importância de valorizar os sujeitos que fazem dessa arte um modo de vida, resistindo ao tempo e as transformações sociais provindas do tempo industrial e tecnológico em que estamos inseridos.

Sendo assim, nossa pesquisa buscou identificar os autores de Literatura de Cordel em Catolé do Rocha e cidades circunvizinhas, visando conhecer as obras dos possíveis autores dessas cidades e objetivando identificar cordelistas cuja obra possa ser lida e apreciada pelo público da educação básica. Por fim, se faz necessário evidenciar as potencialidades culturais de Catolé do Rocha e cidades circunvizinhas, notadamente aqueles que se encontram invisíveis perante a crítica literária, a academia e a comunidade em geral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados e discutidos alguns dados obtidos durante as entrevistas realizadas com os autores de Literatura de Cordel, das cidades de Belém do Brejo do Cruz/PB, Brejo dos Santos/PB, Bom Sucesso/PB e São Bento/PB, respectivamente.

Os dados serão expostos seguindo a ordem das categorias de investigação preestabelecidas. Na primeira categoria, direcionada para investigar o *Conhecimento da Literatura de Cordel* por parte dos sujeitos entrevistados, foi feito o seguinte questionamento: Qual é a sua experiência com a Literatura de Cordel?

ALYCE RAIANE: [...] eu comecei a minha experiência com a poesia rimada... Nunca cheguei a estudar [...], mas sempre fiz... minha mãe, ela também faz poesia.. quando eu era bem pequena, bem pequena mesmo, assim que eu comecei a ler, ela

deixava eu escrever as poesias no caderno, e eu sempre lia... Chegava alguém lá em casa, eu corria, pegava o caderno, lia a poesia para a pessoa, e aí começou a minha experiência com a poesia. E como mainha sempre fez a poesia rimada, eu comecei a escrever a poesia rimada, isso questão de 12/13 anos por aí... Aí, o cordel mesmo, meu primeiro cordel eu fiz em 2018, o cordel que eu fiz e publiquei.

DAVI PAIXÃO: [...] Eu sou neto de poeta repentista, minha avó era repentista. Sou filho de um repentista também, meu pai era repentista aboiador. Sou sobrinho de dois repentistas, tios e uma tia, ou seja, meio que tá no sangue já. [...] Aos 4 anos de idade eu já sabia ler e escrever, e tudo que eu procurava pra ler, eu tinha que ler e ler em público. [...] Aí o meu primeiro contato com a poesia, na verdade, foi aos 4 anos de idade, eu comecei a gostar da poesia nessa época [...] o primeiro cordel, como se diz, impresso, que eu peguei na minha mão, foi um cordel escrito em 1977, de Abraão Batista, eu ainda tenho ele até hoje. O título dele é: 'A queda do pau da bandeira na matriz de Juazeiro'. Só que, quando eu comecei a escrever o meu primeiro poema, eu já tinha 14 anos, 10 anos depois. [...] o primeiro contato foi esse aí, só que, eu já escrevia algumas coisas, daí pra cá, mas eu não entendia de métrica, não entendia de oração, só sabia rimar.

CARLOS FERNANDES: O meu primeiro contato com os cordéis foi justamente através dos meus avós, que eles chamavam de romance. E, nesse tempo, nem sequer energia elétrica tinha, e muitas vezes eu chegava a ler os cordéis, os romances, como eles chamavam, para eles, sob o claro da lamparina. E assim, foi onde eu tive o meu primeiro contato, na minha infância ainda, mas a escrever, o contato com a escrita, foi só depois de velho.

De acordo com os relatos apresentados, constatamos que os primeiros dois autores são filhos de poetas, o que oportunizou, de certo modo, o interesse dos entrevistados pelas manifestações artísticas da Cultura Popular. Eles também revelaram que começaram a escrever na adolescência, por volta dos 12 e 14 anos de idade, mas ainda na tenra idade gostavam de ler para outras pessoas, assim como Carlos Fernandes, que lia os chamados romances para seus avós, na infância, sob o claro da lamparina. Segundo Luyten (1992, p. 21), "As manifestações populares vão dar-se, em sua grande maioria de forma oral"; o que justifica o interesse e a necessidade dos sujeitos de pesquisa em ler para um público, pois o próprio viés da oralidade, elemento de composição dessa literatura, permite ampliar o universo da cultura popular e, simultaneamente, alcançar outras pessoas.

O poeta Davi Paixão evidencia que o primeiro contato com a LC foi aos 4 anos de idade, através do cordel de Abraão Batista, intitulado: "A queda do pau da bandeira na matriz de Juazeiro", poesia que ele guarda até hoje. No entanto, o autor ressalta que nessa época "[...] não entendia de métrica, [...] de oração, só sabia rimar", esclarecendo que mesmo tendo contato com a poesia do pai e dos tios, foi o momento de 'pegar no folheto' que lhe trouxe "[...] a primeira inspiração para [...] gostar de cordel." É possível confirmar, no relato de Davi Paixão, que é através da experiência de leitura com os textos literários, que o leitor começa a gostar de Literatura. No que diz respeito a Literatura de Cordel, não é diferente, pois "Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando métricas e rimas" (PINHEIRO; MARINHO, 2012, p. 12), mas

pela própria capacidade da Literatura Popular em ofertar temas e experiências variadas aos leitores.

Ao longo da pesquisa, observamos que um dos entrevistados teve o seu primeiro contato com a Literatura de Cordel no contexto escolar. Visando entender como ocorreu a experiência de Ruan Carlos com a LC, na escola, fizemos uma adaptação no guia de entrevistas, acrescentando uma nova categoria de investigação, intitulada *O cordel em sala de aula*. Questionamos o entrevistado sobre como ocorreu o seu contato com a LC em sala de aula e se outras turmas foram incentivadas à leitura/produção do gênero.

RUAN CARLOS: Foi da seguinte forma: ia acontecer um projeto nesse período, nesse ano, na escola, e a professora trouxe um cordel para a gente trabalhar, trouxe vários autores, como Bráulio Bessa e Antônio Francisco – um poeta aqui de Mossoró, RN – . E daí ela apresentou no quadro a origem do cordel, essa questão, assim, simples, e logo em seguida mostrou as obras de alguns poetas e pediu pra gente fazer um cordel se baseando naqueles cordéis que estavam ali no quadro, pra gente apresentar no dia da socialização do projeto e recitar os cordéis dos autores que eu citei.

RUAN CARLOS: Foi só a minha turma, porque foi dividido, sabe: a minha turma, em si, ficou responsável pelo cordel, já outras turmas ficaram responsáveis por apresentarem outros tópicos do projeto.

A partir do relato exposto, notamos que o contato de Ruan Carlos com a LC, no contexto escolar, ocorreu mediante um projeto que aconteceria na escola, em que a sua turma ficou responsável por socializar produções escritas de cordéis na culminância do projeto, não havendo, em outras turmas, esse mesmo trabalho com o gênero, pois cada turma teria sido contemplada com um assunto específico. A respeito da metodologia adotada pela professora, o autor destaca que ela apresentou brevemente a origem do cordel, exibindo obras de alguns autores, tais como Bráulio Bessa e Antônio Francisco, e logo em seguida solicitou as produções.

Acreditamos que o contato da turma com o cordel aconteceu de forma imediata, isto é, sem uma ampla experiência de leitura com os folhetos por parte dos alunos, cujo objetivo de leitura se restringiu apenas à compreensão da estrutura do gênero para o desenvolvimento de produções futuras, sem que houvesse familiaridade da turma com a leitura de cordéis. Tais fatores sinalizam que não houve um acompanhamento efetivo por parte da professora durante as produções, pois os alunos foram solicitados a produzirem com base nos cordéis previamente apresentados pela docente.

Em relação a segunda categoria da entrevista, intitulada: *Desenvolvimento Cultural: O Cordel e a Musicalidade*, objetivamos entender, de maneira mais detalhada, se os poetas tiveram contato com outras manifestações populares, investigando também se os autores enfrentaram dificuldades com a primeira publicação.

Para tanto, procedemos com dois questionamentos: 1- E repente, já ouviu falar nesse tipo de manifestação artística? 2 - Fale um pouco da sua primeira publicação – enfrentou ou ainda enfrenta dificuldades, quais? As respostas dos entrevistados estão descritas a seguir, seguindo a sequência das perguntas:

ALYCE RAIANE: [...] A gente morava no sítio Jatobá, passagem limpa que é aqui no município de Belém, e minha tia tinha um barzinho lá que sempre tinha uma cantoria, sempre... Então a gente assistia muito. Às vezes, esses próprios cantadores levavam os cordéis deles para vender naquela ocasião, eu acabava lendo também. Então eu sempre lia muito cordel, e tinha muito essa visão, tinha esse conhecimento mesmo, desde que quando eu era pequena tinha esse incentivo de ler literatura de cordel. Eu acho que a minha maior dificuldade foi na parte financeira⁶ que também qualquer coisa que você vai publicar hoje você gasta, principalmente o cordel, que é praticamente uma publicação independente, né. [...] Aí um professor lá do Instituto Federal, que hoje ele é coordenador do curso de edificações, ele ficou sabendo que eu queria publicar o cordel, ficou sabendo que escrevia, e disse: Alyce, quanto é que você precisa? Eu disse: ah, a gráfica cobrou tanto, pra fazer tanto, aí ele disse: ah, então eu vou lhe dar esse valor aqui. E me deu o valor de publicar.

DAVI PAIXÃO: [...] o repente, ele é a melhor forma de expressar a poesia. O cordel expressa muito bem, mas o repente ainda expressa melhor, porque o repente é uma coisa do momento, do que você está sentindo naquela hora. [...] Todo aniversário meu é comemorado com uma cantoria, com o repente, e a cidade toda é convidada, e é aquela festa. E pra mim, não existe, não diferença nos outros gêneros musicais, mas pra mim não existe coisa melhor que o repente. [...] A festa de casamento dos meus pais foi com uma cantoria, eles me contam. A gente tem um acervo histórico da cantoria do nosso município. Eu consegui a mesa que era o palco das cantorias aí pelos anos 70/80, eles cantavam em cima de uma mesa, de madeira maciça, e hoje em dia essa mesa é minha, eu consegui pegar ela, então seria o palco das antigas cantorias do município, tá lá no meu sítio hoje em dia. Na verdade, por incrível que pareça, a publicação que menos me deu dificuldade foi a primeira⁷, porque eu fiz uma parceria com o Colégio Técnico Dom Vital e o diretor Mestre Francisco Gomes [...] o colégio Dom Vital, ele fez a publicação, pagou todas as despesas de gráfica. Quando eu escrevi o meu segundo cordel, quando eu fui publicar o ‘Zé do Brejo’, que é uma história fictícia baseada em um personagem da nossa cidade, eu já encontrei um pouco mais de dificuldade. Mas, o que é que eu faço quando eu quero publicar um cordel? Eu vou nas escolas, eu vou tentar fechar parcerias com as escolas.

CARLOS FERNANDES: Conheço sim, sempre que tenho oportunidade eu estudo, eu prestigio os repentistas cantadores de viola. São as pessoas mais inteligentes que eu conheço, porque eles têm a capacidade de fazer improviso, construir uma coisa com sentido, obedecendo uma métrica, com poder de concentração, enfim. Os repentistas são profissionais, são artistas, que têm o meu respeito e toda a minha admiração. [...] Não tenho o que eles têm, que é o poder de improviso, que eu queria ter, mas eu admiro muito. Há pouco tempo, eu publiquei um através de uma editora, e chama-se ‘Vida de redeiro’, os demais foram trabalhos artesanais. Eu enfrentei dificuldade na minha primeira publicação⁸, porque aquela arte que você faz, que você não tem um retorno financeiro, então você não tem recurso para você movimentar aquele seu trabalho, para no caso, ser investimento. Então se você não tem retorno financeiro, você tem arcar; tudo tem custo, você mandar o trabalho para a editora tem custo, você mandar fazer a edição tem custo, você fazer uma revisão tem custo. Então as dificuldades é a questão financeira. A grande maioria dos artistas, se decidir

⁶ Resposta direcionada a segunda questão: Fale um pouco da sua primeira publicação – enfrentou ou ainda enfrenta dificuldades, quais?

⁷ Idem.

⁸ Idem.

viverem da arte, passam por dificuldade, porque vender arte, vender cultura, é muito difícil, sobretudo para quem escreve poesia, é claro que tem o seu público, mas é muito difícil, e uma das grandes dificuldades é encontrar pessoas que realmente valorizem aquele trabalho da gente.

De acordo com o relato de Alyce Raiane, a entrevistada afirma que sempre assistia, ao lado dos pais, as cantorias que ocorriam no ‘barzinho’ de sua tia, no sítio Jatobá, em Belém/PB. Ela ainda destaca que mediante esse contato frequente com a poesia, através da influência dos pais e de ambientes que propagavam o gênero, sempre teve, desde pequena, “[...] esse incentivo de ler literatura de cordel”, e que isso oportunizou, de certa maneira, o seu olhar atento para essa poesia popular em verso.

Ela afirma que o repente é uma das ‘áreas da poesia’ que mais admira, isso porque, segundo a autora: “[...] a pessoa que consegue ao mesmo tempo raciocinar o assunto, falar sobre o assunto e rimar sobre o assunto, tudo ali dentro do ritmo, [...] tudo numa coisa só, e tudo de repente [...]”, é muito impressionante. Nessa perspectiva, Davi Paixão ressalta que: “[...] o repente, ele é a melhor forma de expressar a poesia. O cordel expressa muito bem, mas o repente ainda expressa melhor, porque o repente é uma coisa do momento, do que você está sentindo naquela hora.” A percepção dos poetas sobre assunto dialoga com a compreensão de Luyten (1992), que concebe o repente como expressão poética produzida ao sabor do momento.

A entrevistada de Belém do Brejo do Cruz expressa que a sua maior dificuldade quando demonstrou interesse em publicar “[...] foi na parte financeira”. Por outro lado, Davi Paixão afirma que a publicação que menos enfrentou dificuldade foi a primeira, pois contou com a parceria feita com Colégio Técnico Dom Vital e o apoio do diretor Mestre Francisco Gomes, que “[...] fez a publicação [e] pagou todas as despesas de gráfica [...]”; mas a partir da segunda publicação, já encontrou um pouco mais de dificuldade, declarando que quando quer publicar um cordel, vai até as escolas tentar fechar parceria.

Carlos Fernandes enfatiza que a principal dificuldade enfrentada em sua primeira publicação, também foi na parte financeira. Isso porque, segundo o autor, se o artista produz e não tem retorno financeiro, também não terá recurso para investir e movimentar o trabalho, pois há custos de editora e com o trabalho de revisão. Ele ainda destaca que exceto aqueles que são reconhecidos e bem-sucedidos financeiramente, “[...] a grande maioria dos artistas, se decidir viver da arte, passam por dificuldade, porque vender arte, vender cultura, é muito difícil, sobretudo para quem escreve poesia [...]”, mencionando a desvalorização como um dos fatores que impede o artista de crescer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa possibilitou constatar que há cordéis publicados e outras produções publicadas somente na plataforma “Youtube”. Alyce Raiane, autora localizada em Belém do Brejo do Cruz\PB, possui quatro (4) cordéis autorais, cujos títulos são: “As raízes do meu sertão (2018); “O que é a vida afinal? (2019); SER(TÃO) NORDESTINO (2021 – publicação contemplada pela Lei Aldir Blanc) e Dona Francisquinha (2021), *in memoriam*.

Davi Paixão, localizado no município de Brejo dos Santos\PB, publicou 3 cordéis, os quais estão intitulados: “Frei Marcelino em sextilhas” (2014); “Zé do Brejo: o matuto no zap zap” (2015) e “Tributo a Jesus” (2018).

Ruan Carlos, inserido na localidade de Bom Sucesso\PB, possui publicações apenas na plataforma Youtube, cujo nome do canal onde publica suas produções é “Ruan Carlos oficial” (<https://www.youtube.com/channel/UCLh23mb4kPgi3gHOcJOPIiw>).

Carlos Fernandes é autor de três (3) cordéis, que estão intitulados: “Exploração sexual e trabalho infantil”; “Coisa nossa” e “Vida de redeiro”. O autor também possui uma página no instagram (@poesianotamborete), onde publica estrofes avulsos regularmente.

Concluímos, com a pesquisa, que uma das principais dificuldades enfrentadas pelos poetas entrevistados para publicarem os seus cordéis, consiste na ausência de recursos financeiros, que reflete a falta de valorização e a ausência retorno financeiro a quem é produtor de Literatura de cordel. Notamos também que a presença de folhetos de cordéis no espaço escolar ainda não acontece de maneira constante, somente em situações específicas, por meio de eventos culturais e projetos escolares que ocorrem esporadicamente.

Obtivemos como resultado o conhecimento de obras escritas por autores localizados em cidade circunvizinhas a Catolé do Rocha, os quais destacaram que uma das principais maneiras de valorizar a arte de que são produtores é oferecendo espaço para que eles apresentem e socializem com o público suas produções.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a apreender a cultura popular. *In*: PINHEIRO, Hélder (Org.). **Pesquisa em literatura**. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011. p. 95-131.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 10 dez. 2022.

PAES, José Paulo. **Poesia para crianças**. São Paulo: Giordano, 1996.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO, Hélder; MARINHO, Ana Cristina. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura e Ensino).